



## SEÇÃO: ENTREVISTAS

## Literatura e política numa letra só: Isabel Pires de Lima

*Literatura and politics in only one letter: Isabel Pires de Lima*
**Maged Talaat M. A.**
**Elgebaly<sup>1</sup>**
[orcid.org/0000-0002-4572-4526](https://orcid.org/0000-0002-4572-4526)
[elgebalymaged@gmail.com](mailto:elgebalymaged@gmail.com)
**Liliane Faria Correa**
**Pinto<sup>1,2</sup>**
[orcid.org/0000-0002-9421-0222](https://orcid.org/0000-0002-9421-0222)
[lilianefcorrea@gmail.com](mailto:lilianefcorrea@gmail.com)
**Recebido em:** 13/6/2020.

**Aprovado em:** 25/6/2020.

**Publicado em:** 25/2/2021.

No dia primeiro de maio de 2019, na sua casa em Matosinhos (Portugal), a Profa. Dra. Isabel Pires de Lima, catedrática de Literatura Comparada da Universidade do Porto e ex-ministra de cultura de Portugal, abriu o seu coração para contar-nos sobre sua trajetória intelectual na esfera política e acadêmica e, especialmente, sobre a sua formação na área de Literatura Comparada e a situação atual da pesquisa no campo.

### Como foi sua formação familiar e acadêmica?

A minha mãe era professora do Ensino Primário. Nasci em 1952, em Braga, pequena cidade do Norte de Portugal. Estudei numa escola pública, o que me diferenciava das meninas da minha classe social que frequentavam a escola privada, em geral, religiosa. A maior parte das mães dos meus companheiros de escola secundária não trabalhava, mas eu, pelo contrário fui sempre educada no sentido de ter uma profissão e ser independente. Meu quadro familiar foi sempre muito dirigido para a transmissão de autoconfiança, o que considero muito positivo na minha educação. Tive de facto uma família muito liberal, dando-me liberdade e reclamando a responsabilidade e o cumprimento de minhas obrigações enquanto estudante.

Minha mãe era da Ilha da Madeira, no Atlântico, essa ilha lindíssima, aonde eu ia muito na infância; logo desde muito bebê viajei para Madeira em férias e ia frequentemente, e vou, em férias à Madeira. Gosto muito de lá ir; representa para mim o espaço solar das férias da infância.

Meu pai estudou em Coimbra, mas acabou por não se licenciar em engenharia e depois fez uma formação na área da administração e foi durante quase toda a vida Delegado de Informação Médica. Era um homem que lia muito. Conviveu com os grupos dos neorrealistas de Coimbra e, ainda, com o grupo já um pouco mais velho que ele, da Revista Presença, com o poeta José Régio, Alberto de Serpa, que eram de uma geração levemente anterior aos neorrealistas. Meu avô era militar e se interessava muito por literatura. Meu pai foi educado em um meio em que


 Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

<sup>1</sup> Aswan University, Aswan, Egito

Universidade do Porto (FLUP), Porto, Portugal

<sup>2</sup> Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís, Maranhão, Brasil

conviveu com livros e gostava muito de história e literatura, portanto, em minha casa desde cedo fui sensibilizada para a leitura e para as questões históricas e, a par dessas havia uma atenção à vida política do momento. Nunca em minha casa se evitaram conversas sobre a vida política e em casa tínhamos uma perspectiva crítica ao salazarismo e ao Estado Novo. Aprecio muito em minha educação o facto de me alertarem sempre para as desigualdades sociais. Fui educada num clima bastante aberto nesse ponto de vista, o que não era comum para uma família de classe média em Portugal, sobretudo na província.

A par disso, outro dado muito marcante para mim decorre de a minha mãe ser católica praticante e meu pai ateu. Sempre fomos confrontadas – a minha irmã e eu – com essa dupla possibilidade, era tão legítima a forma do meu pai encarar a questão religiosa como a minha mãe. Foi sempre uma questão normal para mim; eu não diria normal, porque na escola e na vida pública, o catolicismo era dominante, sobretudo em Braga, chamada de Roma portuguesa. Na verdade, era um aspecto distintivo na minha família e da minha casa o facto do meu pai não ser praticante de nenhuma religião. Isso foi importante na minha formação para uma total abertura para a diversidade das religiões ou para a ausência de qualquer prática religiosa. Fomos educadas catolicamente e, depois, seguimos o caminho que quisemos e, eu e minha irmã, acabámos por seguir o caminho mais do meu pai, porque não somos católicas, embora tenhamos recebido uma educação religiosa.

Acabei por escolher o curso de Letras, minha irmã também acabou estudando Letras, embora tenha tido dificuldade em fazer essa escolha. Quase fiz Economia ou Geografia; hoje tenho noção que o que procurava era Sociologia, mas a Universidade salazarista não oferecia Sociologia. Acabei por fazer o curso de Letras, literaturas portuguesa e francesa, chamava-se Filologia Românica, no fundo é um curso de línguas e literaturas e, hoje, chamaríamos assim nas nossas universidades. Foi por aí que me fixei, tendo acabado por fazer um doutoramento em

Sociologia da Literatura a propósito de *Os Maias* de Eça de Queiroz.

### Como projeta seu trabalho acadêmico em estudos comparados de literaturas de língua portuguesa hoje?

O campo das literaturas e o ensino das literaturas nacionais sofreram grandes alterações nos últimos 20 anos. As literaturas nacionais tiveram um momento alto, com o romantismo e a afirmação das literaturas vernáculas. Hoje cada vez mais nos afastamos do ensino das literaturas nacionais, excessivamente centradas nelas próprias, e tendemos cada vez mais a trabalhar em campos comparatistas, mesmo as literaturas nacionais. De algum modo eu comecei na década de 1970 o meu trabalho em torno de literaturas nacionais, francesa e portuguesa, e aos poucos fui me encaminhando para o campo das literaturas comparadas de língua portuguesa e, mais recentemente, nos últimos 15 anos tenho sobretudo avançado mais no diálogo entre a literatura e as outras artes, particularmente, a pintura, o cinema e a fotografia. Esses são campos que eu exploro cada vez mais e que integro exatamente no campo da Literatura Comparada porque, no fundo, normalmente, quando faço aproximações entre literatura e outra arte, é sempre de narrativas que eu estou a tratar, mesmo quando se trata da aproximação entre, por exemplo, um texto poético e uma obra plástica. A maior parte das vezes é sempre em torno da construção de uma narrativa e do diálogo entre dois suportes distintos para a dizer. Tenho procurado trabalhar com alguma frequência narrativas do sec. XIX português postas em diálogo com, por exemplo, a pintura de Paula Rego que é uma das grandes pintoras contemporâneas portuguesas que tem feito séries plásticas em diálogo com *O Crime do Padre Amaro*, *O Primo Basílio*, e *A Relíquia* de Eça de Queiroz. Analisei também a obra de uma pintora e escultora contemporânea portuguesa chamada Ilda David que dialoga com *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco. Estudei também o diálogo entre o romance *Os Maias* e o filme homônimo de João Botelho. Fiz o mesmo com o filme "Ilha dos Amores" de *Os Lusíadas* e a

pintura de José Rodrigues e textos de Eugenio de Andrada que também estabelece diálogo com “a Ilha dos Amores”. Portanto, é uma Literatura Comparada envolvendo uma diacronia muito ampla. Em termos teóricos, minha grande preocupação é ver, no caso do diálogo de Paula Rego com o Eça, como o texto do século XIX é apropriado por uma pintora contemporânea para ler o seu tempo. No fundo, aquilo que Paula Rego faz é uma leitura da sua contemporaneidade, do seu mundo de hoje, mas usa a mediação de um texto com mais de um século em relação a ela. Essa é uma pesquisa bastante curiosa porque de alguma forma ajuda a evidenciar o caráter perene de um texto para além do contexto que lhe deu origem, ou seja, um texto do século XIX pode ser desafiador para uma pintora contemporânea pensar temas como a identidade feminina, a questão do corpo feminino, das relações de poder patriarcal ou do poder exercido pelas mulheres no seio da família. Paula Rego, ela trabalha imensamente essas questões. Esse campo da Literatura Comparada enfrenta os desafios que foram trazidos pela cultura da imagem.

### Qual a diferença entre a atuação na vida acadêmica e na política como ex-deputada e como ex-ministra de cultura?

Eu estive sete anos no parlamento como deputada e três no governo como ministra de cultura. São poderes completamente diferentes. Foi uma experiência bastante enriquecedora e aprendi muito, mas ser deputada foi incomparavelmente menos interessante para mim do que a experiência do poder executivo quando estive no Ministério da Cultura. É uma atividade que exige muitas horas de trabalho por dia e praticamente os sete dias da semana. É de facto um trabalho muito absorvente, mas é aprendizagem grande, sobretudo no lugar de governação e, de facto, passa-se a ver o mundo de outra forma, de outra perspectiva. A gente passa a sentir que nunca mais tem aquela posição de estar na janela ou na varanda a ver passar os acontecimentos. Passa-se a perceber de facto os assuntos de outra forma porque apercebemo-nos de que há tantas condicionantes no exercício do poder, quer se trate do legislativo

ou do executivo, e tanto trabalho de conciliação que é preciso fazer e de conjugação de fatores a exercitar na exigente vida em democracia. Esses factos todos fazem com que o exercício do poder seja um exercício que provoca um alargamento de campo de pensamento e até de campo de consciência. É uma aprendizagem de estar atento a muitos dados ao mesmo tempo.

Lembro-me que no primeiro mês de trabalho, muitas vezes, o chefe de gabinete chegava-me com um problema qualquer e dizia: “Professora, está aqui isto que era preciso decidir”. Ele me dizia qual era o assunto e eu: “Deixe estar aqui que eu vou pensar e amanhã resolvo”. E ele respondia: “Não é amanhã, professora, é para agora”. Eu como professora universitária tinha sido treinada a vida toda para pensar e, porventura, tomar decisões a partir de uma reflexão. Ali, não quer dizer que não me pedissem para pensar, o que me pediam era para pensar depressa e executar de imediato. O tempo de reflexão e ponderação a que eu estava habituada era outro, totalmente diferente.

Outra dificuldade que leva a um alargamento do campo de pensamento é o facto de durante o dia passar de um dossiê para outro e para outro e outro ainda de universos muito diferente. A multiplicação do campo de trabalho, no início, me cansava mais que assustava, tudo isso na mesma tarde é um desafio muito cansativo. É uma aprendizagem muito grande da tolerância, porque quem trabalha na gestão pública e que trabalha com uma diversidade de realidades, tem necessariamente que exercitar um bocadinho a abertura e a tolerância nesse sentido de tentar encarar todas as posições que nos chegam como sendo possíveis, discutíveis e porventura certas. Temos que estar abertos à discussão e à compreensão e isso é um exercício às vezes duro, mas estimulante.

### O que nos falta para a formação profissionalizante de professores de literaturas de língua portuguesa?

Há duas batalhas neste campo. Uma de caráter político, que passa pelo entendimento entre os países de língua portuguesa que têm mais

capacidade econômica, isto é, Brasil, Portugal, Angola, e Macau para investirem numa plataforma para a promoção da língua portuguesa. Assim, poderíamos avançar com eficácia. Sinceramente, Portugal está quase sozinho no campo da promoção da língua portuguesa através do Instituto Camões, sobretudo, e tem pouca capacidade de investimento para poder avançar no estrangeiro. O Brasil tem mais de 200 milhões de falantes de língua portuguesa e capacidade de investimento que, obviamente, é muito maior que Portugal. Assim, vejo que o Brasil tem grandes responsabilidades na promoção da língua portuguesa no mundo. Ouço há décadas o Brasil falar da criação do Instituto Machado de Assis, projeto que nunca aconteceu e é pena... E vejo também que Angola tem hoje responsabilidade histórica porque é um país que tem uma força econômica que o obrigaria, neste momento, a investir na internacionalização da língua portuguesa. Portanto, é fundamental a criação de uma plataforma envolvendo todos os países de língua portuguesa, mas sendo Angola, o Brasil e Portugal os mais capacitados do ponto de vista econômico, e mais populosos ou geograficamente, deverão em conjunto ser a vanguarda de uma política de internacionalização da língua e das culturas de língua portuguesa. Isso implica vontade política. Macau, que não pertence à CPLP, mas que tem o português como língua oficial, tem desenvolvido uma política muito relevante de divulgação da língua portuguesa na China.

A segunda, é importante sobretudo em países onde há comunidades portuguesas e brasileiras fortes como EUA e países da Europa, como a França e a Suécia. Era importante dialogar com as autoridades desses países para que a língua portuguesa seja inserida nos currículos do secundário, como acontece com o espanhol, que é uma opção nos EUA e na França. Todavia, a língua portuguesa está ausente. Seria importante em termos políticos tentar conquistar, ir ganhando posição, procurando instigar concertadamente esse diálogo com esses países porque há claramente uma discriminação em relação à língua portuguesa como língua de vasto domínio no mundo.

## Como a professora vê as relações entre Portugal e Brasil?

As relações entre Portugal e Brasil são inevitáveis e nunca nos libertaremos mutuamente. Há uma história comum muito forte que passa pelos dias de hoje e passará pelo futuro, porque falamos a mesma língua e estamos integrados em uma matriz cultural que tem muitos pontos em comum e, portanto, é inevitável que os vaivéns se processem. Evidentemente que eles tiveram e vão ter natureza diferente ao longo dos séculos. No XIX, esse vaivém era mais intenso de Portugal para o Brasil. O trânsito desse vaivém no XIX era, então, mais da Europa para o Brasil que o contrário por razões que teve a ver com a recente independência do Brasil.

No campo literário, era muito natural que esse trânsito se processasse a partir do cânone português e europeu, designadamente, o cânone romântico e depois realista. Isso não impede que muitos desses diálogos fossem profícuos para ambas as partes. Por exemplo, o diálogo entre o Eça de Queiroz e Machado de Assis, que foi extremamente produtivo, quer para um, quer para o outro. Para Eça, que reflete na sua forma de construção romanesca a partir da crítica do Machado e esse que se tornará outro escritor com uma técnica romanesca bem mais moderna que nos seus primeiros romances. Aquele diálogo foi virtuoso para ambas as partes. E depois houve uma fortíssima imigração de Portugal para o Brasil durante todo o século XIX, e dessa imigração também participaram muitos intelectuais. As relações literárias entre os artistas, quer sejam do campo literário ou de outros campos, as trocas culturais, no fundo, são hoje o que mais importa desenvolver nas relações entre Brasil e Portugal, porque isso nos aproxima no sentido do consenso ou do dissenso.

Para sintetizar, a aproximação entre Brasil e Portugal se deve fazer sobretudo acentuando as trocas culturais porque há um grande desconhecimento mútuo. Sempre me impressiona ver como muitos brasileiros curiosamente dizem que falam português e não brasileiro e depois não conseguem estabelecer qualquer relação do português com Portugal, um país localizado

geograficamente do outro lado do Atlântico e, em Portugal, o conhecimento que os portugueses têm do Brasil se esgota nas telenovelas da Globo e da Record e na música brasileira. Sobretudo na última década tem-se assistido a uma intensificação no campo da crítica e das relações literárias entre Brasil e Portugal e uma melhora nessas relações com prêmios literários que envolvem as literaturas dos dois países e, às vezes, até mais do que dos dois países, de todos os países que se exprimem em português. E esses fatores são bastante positivos, mas evidentemente que esse é um trabalho que nunca acabará e que tem como pano de fundo as relações históricas com as marcas que deixam a colonização. Para o português comum, o Brasil não se apresenta como uma antiga colônia porque já passaram duzentos anos e, portanto, consideram-na uma história arrumada no passado, porém para o brasileiro médio, isso não é verdade. Essa relação ainda sangra, tem uma ferida aberta e, portanto, as relações com Portugal são sempre recepcionadas em função dessa ferida sangrenta. Apesar de tudo, duzentos anos se passaram e isso abre caminhos e propicia reflexões novas que se vão processando.

### Como interpreta os textos *Egipto* de Eça de Queiroz e *Tahrir* de Alexandra Lucas Coelho?

O *Egipto*, de Eça de Queiroz, e *Tahrir*, de Alexandra Lucas Coelho, são livros muito distintos inclusivamente nos seus objetivos. São dois textos totalmente diferentes, com motivações diferentes, mas dois textos que revelam uma grande curiosidade intelectual e um grande interesse pelos destinos de uma cultura que nos é muito próxima apesar da distância geográfica.

*Tahrir* da ALC é um livro muito ligado a uma atitude de repórter profissional que está com um tipo de atenção extremamente acutilante ao que está a assistir e presenciar, no caso, as chamadas revoltas da primavera árabe. É um livro que veiculou uma grande expectativa e esperança em relação ao Egipto e a novos rumos que se abrem para ele. Eu penso que a intelectualidade portuguesa viu essas revoltas como uma grande

transformação para os países árabes e, no caso concreto para o Egipto, como uma possibilidade de desenvolvimento de uma sociedade democrática com um modelo que naturalmente passará pela própria vontade política e pela conceitualização dos egípcios; enfim como uma possibilidade para o Egipto encontrar o seu caminho no campo democrático. Pessoalmente vi-as como uma possibilidade de uma maior aproximação por parte do ocidente, em especial Portugal, aos países árabes e o Egipto.

Já *O Egipto* do Eça de Queiroz é completamente diferente; ele encontrou um Egipto nas garras do colonizador. No fundo, o Egipto do Eça tem duas faces, o que não se nota no texto da Alexandra Lucas Coelho. Há o Egipto faraônico, histórico, perspectivado do ponto de vista do orientalismo teorizado por Said, e um outro Egipto, o oitocentista, real, da vida real, que tem para ele aspectos fascinantes, mas que o preocupa no ponto de vista social. Eça lança sobre o Egipto sua atenção crítica à questão social e ao colonialismo. Eu penso que os textos de crônica jornalística que Eça publicou sobre o Egipto, de "Port Said ao Suez", são textos de uma grande perspicácia crítica relativamente ao colonialismo inglês. O Eça que parte para o Egipto é um Eça que também tem uma costela de jornalista, que ele nunca perderá completamente. Ele teve desde cedo uma atração pela escrita para os jornais, muitas vezes, era escrita literária – crônica, romances e contos – mas também crônica jornalística que lhe deu treino de escrita e de atenção ao imediato. Também a viagem ao Egipto confirmará esse treino, porque as notas que vai tirando são escritas em cima do acontecimento, o que o obriga a uma atenção muito premente à realidade imediata. A escrita durante a viagem ao Egipto foi muito importante para o escritor exercitar-se na captação da realidade imediata.

Quando nos aproximamos de um texto como *O Egipto*, que é uma obra póstuma, publicada pelo filho, José Maria, responsável pela transcrição do manuscrito, temos de ser cautelosos. É possível que tenha havido algumas alterações do filho relativamente ao texto base; evidentemente que o filho não foi inventar o texto todo, de maneira

nenhuma, agora, que pode haver imprecisões do filho ou arranjos para tornar a forma mais bonita, para fechar alguma questão, é muito provável. O que acontece é que *O Egípto* ainda não tem a edição crítica pronta. Vários volumes, não póstumos e póstumos, já foram publicados pela equipa coordenada por Carlos Reis, como *A capital*, o que nos permite ter acesso a um texto bastante diferente daquele que conhecíamos até aos anos de 1990. Temos que admitir que aquele texto possa não corresponder com todo o rigor às notas que o Eça tirou. O que é provável que tenha acontecido, mais do que alterações do pensamento do Eça, é tornar estilisticamente mais arrumada uma frase ou outra.

### Como a professora vê as relações culturais entre Portugal e Egito?

Portugal tem um lugar essencial na Europa nesse contato com o mundo árabe. Nossa cultura tem marcas enormes da presença árabe que foi muito recente quando estamos a falar em termos históricos. Temos muitos traços da cultura árabe na língua, gastronomia, arquitetura e até nos trajes tradicionais. E temos uma proximidade geográfica ao mundo árabe, particularmente, Marrocos. Acho, também, que a consciência dessa cultura está muito adormecida em Portugal e parte desse adormecimento é de responsabilidade do Estado Novo, e é avalizado pela Igreja Católica, transportando o projeto do cristianismo como projeto holístico e, portanto, universal em Portugal. Só recentemente, se desenvolveu de forma continuada, designadamente em nível académico, os estudos arabistas, por um lado, e das relações luso-árabes, por outro, muito particularmente nas Universidades de Évora, Lisboa e Algarve, situadas mais a sul do país, com muito mais proximidade geográfica e cultural. Não é por acaso que Lisboa tem um bairro popular que se chama Mouraria e que os doces tradicionais do Algarve são iguais aos dos países do Norte da África, com os mesmos ingredientes, com o mesmo aspecto. Portanto, nós temos uma posição historicamente mais próxima do mundo árabe. Por outro lado, o facto de sermos um limite na

Europa, de estarmos no extremo, faz-nos também uma espécie de posição geográfica de margem em relação à Europa. Independentemente de eu achar que a cultura portuguesa é intrinsecamente europeia e sempre construída no diálogo com a Europa, é verdade que fomos sempre margem da Europa. Até fomos Oriente para os românticos na tradicional viagem romântica ao Oriente, que Said estuda. O sul de Espanha e de Portugal, que estavam ao Ocidente, eram percebidos pela Europa do centro como Oriente, como margem. Essa é, para os olhos de hoje, uma questão extraordinária. Geograficamente, estavam a viajar para o ocidente, mas culturalmente era como se estivessem a viajar para o Oriente porque estavam a viajar por uma margem da Europa. Isso é muito interessante e é um dado objetivo que os estudiosos da viagem ao Oriente no século XIX têm acentuado; muitas vezes, a viagem ao Oriente começa pela Península Ibérica.

### Onde estão os entrelugares nas relações entre Portugal e o Egito e como vislumbrar o orientalismo no cenário português e até que medida esse orientalismo dista de outros europeus?

Não tivemos uma presença colonial no próximo oriente do tipo da inglesa; o nosso imperialismo foi de outra natureza visto que o nosso colonialismo não se desenvolveu nesse espaço. Esses entrelugares podem ser construídos através das trocas comerciais e culturais. Não estou aqui a tentar idealizar as relações culturais entre os povos, mas acho que os entrelugares podem ser explorados nas relações entre Portugal e o Egípto. O Egípto por questões culturais é um dos países do Oriente Próximo, que mais exerce atração sobre os portugueses. Eu não o conheço ainda, mas conheço outros do Oriente Próximo. Entretanto, a Primavera Árabe que o Egípto protagonizou, também teve alguns efeitos benéficos na forma como se olha hoje para o Egípto. Também, acho que a diplomacia cultural e a comercial abrem muitas portas, mas por cima dessas duas tem que haver a diplomacia política como um guarda-chuva. Há sempre a questão da vontade política conjugada

entre os dois estados. Evidentemente, por um lado, o Egito vive um momento de viragem que de alguma forma conduzirá a um processo de democratização da sociedade egípcia e esse processo ajuda-nos a uma mútua aproximação, mas, por outro lado, não há que esconder que a questão dos fundamentalismos religiosos dificulta bastante a aproximação. E é sabido que na Europa, particularmente na Europa Central, estamos a assistir uma espécie de medo de uma "islamização" da Europa. Em Portugal, esse medo não ocorre porque a presença islâmica aqui é muito circunscrita e, portanto, acho que essa questão não pesa negativamente para uma aproximação entre Portugal e Egito, mas pesará a questão do terrorismo que se vive na Europa que, para uma grande parte da população, decorre do fundamentalismo islâmico. Só há uma forma para superar esse problema, a meu ver: o mútuo conhecimento cultural, o diálogo intercultural gerador de perspectivas de mútua inclusão. Aproximarmos do outro e trazê-lo ao contacto com a nossa cultura permite que o outro traga até nós a cultura dele. A primeira abordagem de aproximação entre os povos faz-se facilmente toda a religião é tão legítima como a outra, pela cultura. Acho que a viagem ou a vivência temporária no país do outro é extremamente positiva como forma de compreensão de que toda cultura é tão legítima quanto a outra, toda a forma de viver é tão legítima como a outra.

### **Como a ascensão da extrema direita, inspirada na figura do Homem Forte, como Salazar, ameaça a consolidação da cultura democrática?**

Os regimes autoritários conduzem a uma perda da qualidade da democracia, que é o que está a acontecer nos Estados Unidos. Em Portugal e na Europa, assiste-se a uma certa emergência de líderes mais à direita; a Europa e o mundo vivem uma crise de lideranças de viés democrata e de esquerda. E, portanto, a conjugação dos dois fatores faz com que presenciemos manifestações de direita e de líderes ligados a grupos de direita e, às vezes de extrema direita, e a partidos com

laivos antidemocráticos que se perspectivam no espectro político e que, muitas vezes, como foi o caso na vizinha Espanha, procuram entrar no parlamento, como o partido de extrema direita, Vox, que chegou ao parlamento com 10% dos votos. Eu acho de facto que esse tipo de fenómeno está a ser perigosamente frequente na Europa e que em Portugal gera também uma nostalgia do antigo regime, do salazarismo. De facto, cada vez é mais frequente ouvirmos manifestações de saudosismo relativamente à figura de Salazar e isso acontece pontualmente por parte de gerações muito novas, que felizmente para elas não conheceram o que era a vida sob ditadura, mas também acontece em outras gerações.

### **Como se articulam os projetos político e o académico, vivendo num sistema autoritário?**

O que podemos chamar de literatura de resistência, ou literatura comprometida com a emancipação dos povos, tinha pouca voz no ensino da literatura em Portugal durante o Estado Novo, porque eram livros proibidos ou retirados do mercado. Eram livros que não estavam no cânone e que não teriam facilidade em ascender ao ensino, mesmo na universidade, até porque a contemporaneidade estava muito afastada dos currículos escolares. Dentro dos programas académicos, esse tipo de literatura de resistência não teve papel muito proeminente porque não podia ter, mas teve importância na formação das elites culturais e de grupos intelectuais que foram sedimentando através das leituras literárias a sua resistência em relação ao regime. Em minha casa, eu percebi desde cedo como a literatura produzida pelos neorrealistas, nos anos de 1940/50, teve uma importância extremamente forte na formação ideológica do meu pai que estudou em Coimbra nos anos de 1930/40.

A conciliação entre o exercício do ensino e um estado autoritário se dava através do compromisso do professor em relação ao que lhe era lícito ensinar e uma certa tentativa de infração; o professor vivia nesse equilíbrio. Eu não fui professora antes do 25 de abril, então, não vivi

essa experiência como professora, mas percebia isso nos meus professores, em alguns deles e noutros não, porque alguns eram adeptos e apoiantes do regime. Até tive um professor que disse que não íamos estudar a Inquisição, era um professor de História da Cultura, porque havia leituras muito divergentes entre si quanto ao papel da Inquisição em Portugal durante os séculos XVI, XVII e XVIII. Portanto, como era um assunto muito controverso, não íamos estudar e passávamos adiante. Era uma forma de evitar uma questão incômoda em termos ideológicos, mesmo que estivéssemos a falar de um processo já encerrado, sobretudo perante estudantes que estavam simultaneamente vivendo o maio de 1968 e a crise acadêmica de Coimbra em 1969.

Em Portugal, a censura se exerceu sob duas formas. Até um certo momento, havia uma censura prévia, que na imprensa se manteve mesmo até ao 25 de abril. Depois, no campo literário, num momento que eu não sei precisar quando, todos os livros chegavam a ser publicados, iam para o mercado e depois eram apreendidos. Era uma forma de sabotar as editoras que editavam livros passíveis de ser censurados, de autores como Carlos de Oliveira, Alves Redol, Fernando Namora, Cardoso Pires, Joaquim Namorado, autores vinculados ao movimento neorrealista. Muitos autores viram seus livros apreendidos e censurados e em todos eles se exercia uma autocensura prévia porque sabiam que se ariscassem demais os livros não circulariam. Isso deu origem a uma expectativa estranha de que iam surgir, logo após ao 25 de abril, imensos livros já prontos, que estavam guardados na gaveta à espera de um clima de liberdade para serem publicados, mas isso não aconteceu. Com exceção de Alexandre Pinheiro Torres, que de facto tinha vários livros prontos, que publicou imediatamente, a maioria dos escritores não tinha esse livro ideal que poderiam ter escrito se não houvesse censura e se houvesse um clima democrático. A censura é muito esterilizante e os escritores não criavam mesmo ou criavam com as condicionantes da autocensura.

---

### Maged Talaat M. A. Elgebaly

Pós-doutorando no Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), Porto, Portugal; doutor em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil; Doutor em Língua Espanhola (Linguística) pela Ain Shams University, Cairo, Egito; professor coordenador do curso de graduação em língua portuguesa e suas literaturas em Aswan University Aswan, Egito.

---

### Liliane Faria Correa Pinto

Doutora em História, Política e Bens Culturais pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil; professora da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Codó, Maranhão, Brasil.

---

### Endereços para correspondência

Maged Talaat M. A. Elgebaly

Aswan University

Department of Portuguese Language, Faculty of Al  
Alsun (Languages)

New Aswan, Aswan

Liliane Faria Correa Pinto

Universidade Federal do Maranhão – Campus VII

Avenida José Anselmo, 2008,

Codó, MA, Brasil

CEP 65400-000